

CÉLULA DE ONODI NA TOMOGRAFIA COMPUTADORIZADA: PREVALÊNCIA E IMPLICAÇÕES CIRÚRGICAS NA PRÁTICA RADIOLÓGICA E BUCOMAXILOFACIAL

SABADINI, Andrey Chomen¹; MIRANDA, Gustavo Cesnik¹; MORAIS, Mariana Sabara de¹
andrey.sabadini@aluno.fpp.edu.br

PALAVRAS-CHAVE: Tomografia computadorizada; Célula de Onodi, Cirurgia Endoscópica Nasossinusal; Risco neurovascular; Seios Paranasais.

INTRODUÇÃO

A célula de Onodi é uma variação anatômica do complexo etmoidal posterior, caracterizada por sua extensão superolateral em direção ao seio esfenoidal, frequentemente em íntimo contato com estruturas neurovasculares críticas, como o nervo óptico e a artéria carótida interna. Essa configuração pode gerar um risco elevado de complicações graves durante procedimentos endoscópicos endonasais ou bucomaxilofaciais, caso não seja previamente identificada. A tomografia computadorizada (TC), especialmente em cortes sagitais e coronais de alta resolução, representa o exame de imagem mais eficaz para a detecção precisa dessa variação. O conhecimento pré-operatório da presença da célula de Onodi é fundamental para a segurança cirúrgica.

OBJETIVOS

Este estudo tem como objetivo estimar, por meio de revisão sistemática e meta-análise, a prevalência da célula de Onodi em exames de tomografia computadorizada de seios paranasais. Além disso, busca-se discutir sua importância anatômica, ressaltando as implicações clínicas e cirúrgicas dessa variação, sobretudo em relação à segurança de cirurgias endoscópicas endonasais e procedimentos bucomaxilofaciais, dada a proximidade da célula de Onodi com estruturas neurovasculares críticas.

METODOLOGIA

Foi realizada uma revisão sistemática da literatura científica seguindo as diretrizes PRISMA, com protocolo registrado no PROSPERO (CRD42023416369). Foram pesquisadas as bases PubMed, Scopus, Embase, Web of Science, ScienceDirect e Google Scholar, incluindo artigos publicados entre 2000 e 2022 que abordaram variações anatômicas dos seios paranasais, especialmente a célula de Onodi, avaliadas por tomografia computadorizada. Foram excluídos estudos com pacientes pediátricos, casos de trauma facial, neoplasias e pesquisas baseadas em disseções anatômicas. O total final compreendeu 39 estudos, abrangendo 7.032 pacientes. Para análise estatística, utilizou-se o modelo de efeitos aleatórios para calcular proporções e intervalos de confiança a 95%, por meio do software Jamovi.

RESULTADOS

Dos 39 estudos incluídos, 29 descreveram a presença da célula de Onodi em uma amostra combinada de 5.841 pacientes. Desses, 682 apresentaram a variação, resultando em uma prevalência estimada de 11,7% (IC 95%: 8,7% a 15,5%). A análise demonstrou que a célula de Onodi está frequentemente em estreita relação com o nervo óptico, o que pode implicar em riscos consideráveis para lesões nervosas em cirurgias endonasais e bucomaxilofaciais. Em alguns casos, sua relação com a artéria carótida interna também foi documentada, aumentando o risco potencial de hemorragias orbitárias ou intracranianas. Em relatórios clínicos, a célula de Onodi foi apontada como fator isolado em complicações cirúrgicas, como neurite óptica e hemorragias orbitárias, evidenciando sua importância na avaliação pré-operatória. A tomografia computadorizada, com suas reconstruções coronais e sagitais, mostrou-se indispensável para o diagnóstico preciso dessa variação, fornecendo informações anatômicas detalhadas que orientam o planejamento cirúrgico e minimizam riscos.

CONCLUSÃO

A célula de Onodi é uma variação anatômica importante devido à sua proximidade com estruturas neurovasculares críticas, como o nervo óptico e a artéria carótida interna. Sua prevalência significativa em tomografias computadorizadas destaca a necessidade de sua identificação sistemática nos laudos radiológicos, especialmente em cortes sagitais e coronais. A avaliação cuidadosa da célula de Onodi é fundamental para o planejamento seguro de procedimentos endoscópicos e bucomaxilofaciais, contribuindo para a redução de complicações graves, como neurite óptica, cegueira e hemorragias orbitárias. O reconhecimento prévio dessa variação permite a adaptação das técnicas cirúrgicas, otimizando os desfechos clínicos e aumentando a segurança do paciente. Dessa forma, o papel do radiologista é essencial para garantir uma avaliação detalhada e precisa das imagens dos seios paranasais.

REFERÊNCIAS

